



IDÉIAS E CULTURA:

uma resposta a Don Mitchell

■ DENIS COSGROVE

Don Mitchell (1995) está preocupado porque a chamada "nova geografia cultural" caiu na mesma armadilha que seus organizadores, ao criticarem trabalhos anteriores sob esse nome, procuraram evitar: isto é, tratar a cultura como uma categoria ontológica que é "socialmente causativa". Apesar de simpático a grande parte da produção acadêmica dos "novos" geógrafos culturais, ele está preocupado em enfatizar que cultura é uma *idéia* com história específica e laços explícitos ao exercício e representação do poder social. Em suas palavras, é "uma idéia por intermédio da qual as várias máquinas da 'economia política' são representadas como cultura" (ibid). No espaço limitado de uma resposta a um trabalho sério e fortemente argumentado, apresentarei apenas três pontos.

Primeiro, há algo tenuemente quixotesco sobre o conjunto do projeto de Mitchell. Ao trazer à tona exclusivamente afirmações programáticas e críticas teóricas, ele ignora o trabalho monográfico substantivo daqueles a quem critica (a não ser em breves e cortesias notas de rodapé). Ao longo de seu trabalho, ele passa de uma crítica razoavelmente cautelosa, intimamente ligada a reivindicações teóricas publicadas, até atribuições de convicção não substanciadas e impetuosas.

A 'cultura' é certamente reificada como explanação, como força causal mesmo

quando, ou especialmente porque, ninguém foi capaz de especificar o que é 'cultura'... isto continua a ser verdade, não importa quanto os geógrafos culturais gostariam de reivindicar que suas conceitualizações mais recentes e mais sutis de cultura, ou sua atenção a uma lista ampliada de características que presumem verdadeiramente constituir a cultura, permite maior espaço para as 'subculturas' serem analisadas (ibid).

Que eu saiba, em parte alguma qualquer um dos "novos" geógrafos culturais citados por Mitchell afirmou – explicitamente em textos teóricos ou implicitamente, em seus trabalhos substantivos – que uma lista ampliada de características constitui uma definição mais verdadeira de uma 'cultura' reificada do que a que existia anteriormente. Afirmar isto é entender erroneamente suas intenções. Apesar de poder estar faltando uma visão explicitamente geográfica da idéia de cultura e apesar das considerações de David Livingstone em *The geographical Tradition* (1992) sobre o que ele chamou de "o procedimento geográfico" oferecer algumas orientações sugestivas, os "novos" geógrafos culturais historicamente sensíveis trabalharam precisamente ao longo das linhas que Mitchell parece

estar promovendo. Isto é verdade em meu próprio estudo da idéia de paisagem e, mais recentemente, em *The Palladian Landscape* (Cosgrove, 1993) que é, na verdade, um exame de como uma série de práticas materiais, esforços técnicos e intelectuais, desejos e anseios espirituais foram integrados por grupos sociais localizados por meio de um "processo muito claro de demarcação e interpretação... [para o interior de] um sistema estruturado de representação de pessoas e coisas" (Mitchell, 1995).

Eu poderia apresentar argumentos similares para *The City as Text* (1990), de Duncan, e vários dos estudos sobre grupos minoritários na Grã-Bretanha realizados por Jackson (1987, 1989, 1991, 1993). O ponto é que, na prática, a "nova" geografia cultural não trata a cultura como causativa, mas muito mais ao longo das linhas que o argumento de Mitchell requer.

Segundo, Mitchell salienta que a produção teórica na geografia cultural procurou desviar-se da reificação da cultura adotando "metáforas associadas à espacialidade" que enfatizaram processos de construção e contestação sociais. Então, ele pergunta: "em quês essas metáforas espaciais estão apoiadas?" (Mitchell, 1995). Fico perturbado por sua persistente demanda de que as metáforas estejam teoricamente apoiadas. Uma metáfora é um artifício lingüístico – uma construção retórica desenvolvida e desdobrada dentro de uma argumentação persuasiva, não uma técnica de explanação científica. Por definição, as metáforas não podem estar teoricamente apoiadas, a não ser, é claro, que estejamos sendo solicitados a aceitar uma teoria mimética da linguagem: posição que Mitchell rejeita implicitamente em seu apelo posterior a uma

atitude filosófica realista. Na verdade, a parte subsequente de seu trabalho parece afastar o argumento da exigência de "apoiar" teoricamente as metáforas para uma crítica realista da relativa eficácia teórica de diferentes conceitos. Esta mudança é uma consequência necessária da agenda sub-marxista de seu trabalho. Isto está nítido no trecho que citei em meu parágrafo inicial, no qual Mitchell afirma que "a idéia de cultura surge da necessidade de regularizar ou normalizar contradições entre sistemas de produção e consumo" (ibid).

Para Mitchell, a idéia de cultura é, doravante, uma ideologia e, apesar de todos os protestos sutis ao contrário, encontramos-nos firmemente de volta a uma posição base-superestrutura modificada. Para escapar da crítica bem elaborada de tal posição (tanto uma parte da agenda por meio da qual a "nova" geografia cultural foi formada, como foi a crítica ao "supraorgânico"), Mitchell recorre à afirmação de que cultura é um conceito mais "caótico" e menos teoricamente incisivo do que, por exemplo, "economia política" ou "classe", ambos usados por ele não problemáticamente.

Finalmente, em sua conclusão, Mitchell (ibid) faz a observação de que "cultura é uma idéia que integra dividindo" e por todo o texto refere-se ao significado da divisão e de ser o "outro" dentro do discurso da cultura. Penso que aqui ele está em terreno mais firme e mais fértil e estou surpreso apenas porque ele parece desatento ao seguir a dialética implícita neste aspecto da idéia de cultura em razão do desejo de ter conceitos teoricamente "apoiados". Apesar de se referir no início de seu trabalho ao estudo histórico de Raymond Williams (1982) sobre as origens da idéia de cultura e,

uma vez que seu próprio interesse é explicar a "idéia" em vez da realidade ontológica (não existente) da cultura, Mitchell, surpreendentemente, dá pouca atenção a tal estudo histórico. Se o tivesse feito, podia ter reconhecido que nas origens lingüísticas de "cultura" (por exemplo, em agri-cultura, viti-cultura, arbori-cultura, api-cultura, silvi-cultura) não é tanto uma "tendência de crescimento natural" (Mitchell, 1995 citado em Williams, 1982, p. 87) que está sendo expressa, mas, em vez disso, um processo de diferenciação da natureza por meio da intervenção humana intencional. Em outras palavras, "cultura" é aquilo que não é "natureza". Os dois conceitos, natureza e cultura, só podem existir em relação dialética uma à outra e acredito que este aspecto da idéia de cultura é consistente como uma dimensão de seu significado através das várias mudanças no uso lingüístico da palavra "cultura".

Assim, concordo com Mitchell que a idéia de "cultura" gera distinções e diferencia o mundo. Estou menos convencido que ele que as diferenciações formuladas e expressas por meio da idéia de cultura sejam redutíveis apenas a contestações de poder. Tal posição só é defensável quando a ima-

ginação geográfica é subordinada à sociológica e quando a curiosidade ambiental que motivou o "procedimento geográfico" é esquecida. Mas isso é um problema muito mais amplo que aquele contido no trabalho de Don Mitchell.

NOTAS

- * Traduzido por Olívia B. Lima da Silva de "Ideas and culture: a response to Don Mitchell". Publicado em *Transactions of the Institute of British Geographers*, 21 (3). 1996, pp. 574-575.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSGROVE D. *The Palladian landscape*. Geographical change and its cultural representations in sixteenth-century Italy. Leicester: Leicester University Press, 1993.
- DUNCAN J. *The city as text: the politics of landscape interpretation in the Kandyan kingdom*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- JACKSON P. *Race and racism*. London: Allen and Unwin, 1987.
- JACKSON P. *Maps of meaning: an introduction to cultural geography*. London: Unwin Hyman, 1989.
- . Mapping meanings: a cultural critique of locality studies. *Environment and Planning A*, v. 23, p. 215-28, 1991.
- . Towards a cultural politics of consumption. In: BIRD J., CURTIS B., PUTNAM T., ROBERTSON G. and TICKNER L. eds. *Mapping the future: local cultures, global change*. London: Routledge, 1993.
- LIVINGSTONE D. N. *The geographical tradition: episodes in the history of a contested enterprise*. Oxford: Blackwell, 1993.
- WILLIAMS R. *The sociology of culture*. New York: Schocken, 1982.

